

# **Coração de Urso**



**Erico L. Kneubühler**

# **Coração de Urso**

[ ]

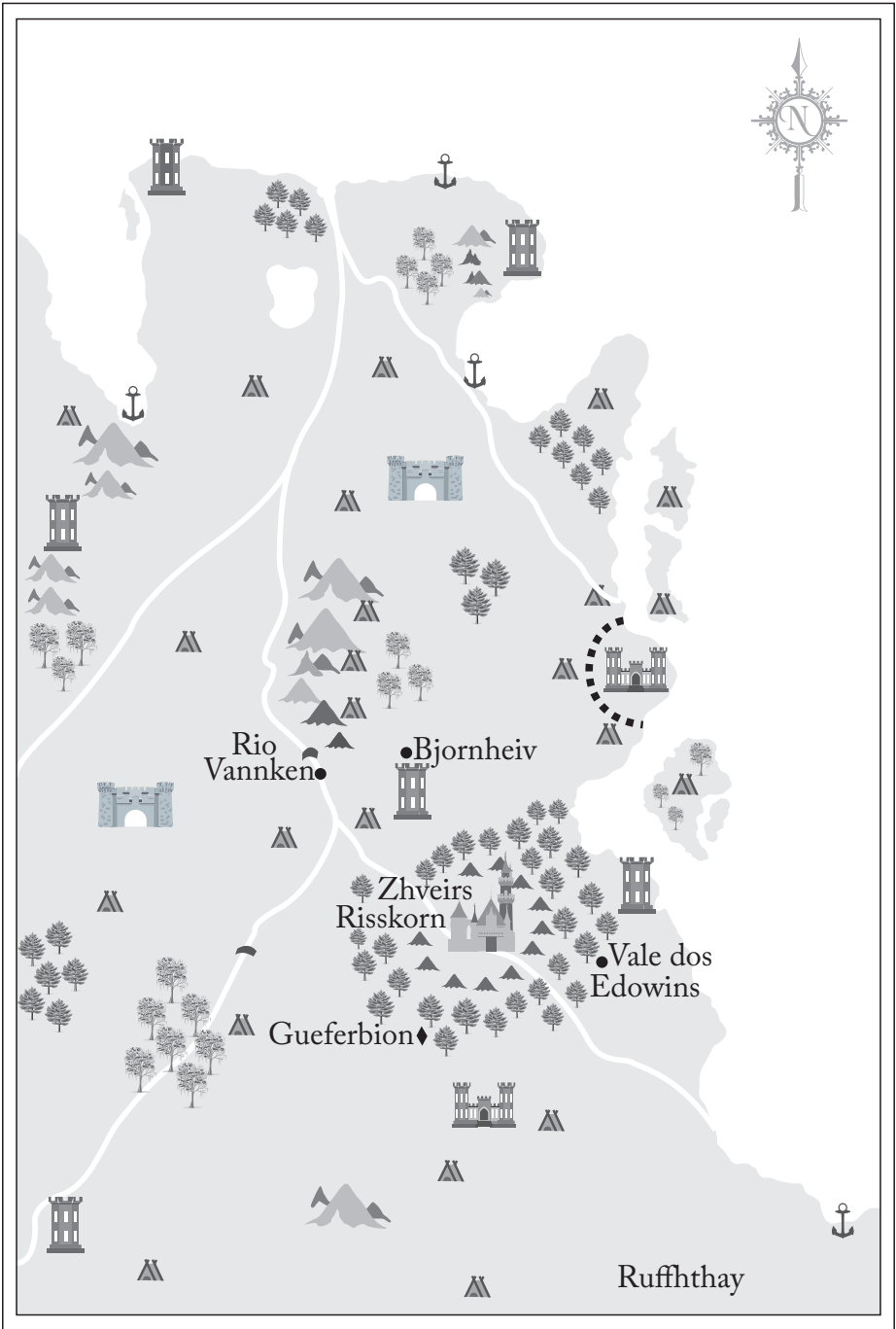
As coisas poderiam ser infinitamente mais simples,  
mas, pela fúria do mundo, elas nunca serão.



# Sumário

Capítulo 1: O que há depois das nuvens? .....	13
Capítulo 2: Imperfeição.....	25
Capítulo 3: Uma palavra sem significado .....	37
Capítulo 4: Onde tudo parece morto .....	49
Capítulo 5: Não é que eu esteja reclamando, mas eu não devia estar morto? .....	75
Capítulo 6: Um simples acaso .....	87
Capítulo 7: Um Deus Qualquer.....	101
Capítulo 8: O Face Rasgada.....	115
Capítulo 9: A última testemunha.....	147
Capítulo 10: A Lua de Sook.....	159
Capítulo 11: O que não deve ser esquecido .....	167
Capítulo 12: Por que não me deixou morrer? .....	179
Capítulo 13: O coração de um urso .....	185
Capítulo 14: Sou o que restou.....	191







# Ao passo da escuridão

Sobre a neve que cobre os bosques  
Vagam os servos da escuridão.  
Vejo espreitarem minha janela  
Sombras trazendo a solidão...

Eles rondam minha casa,  
Minha porta estão a bater.  
Seus sussurros calam fundo,  
Fazem minha pele estremecer...

O fogo já não me aquece,  
Seus sons estão aumentando.  
Vão embora, vão embora,  
Minha vida estão levando...

As chamas se apagaram,  
Eles cantam uma canção.  
A porta é aberta  
Ao passo da escuridão...

# CAPÍTULO 1

# O que há depois das nuvens?

Sou o que restou, e o que resta são lembranças.

É impossível dizer quantas estações eu tinha quando aconteceu, mas, pelo meu tamanho e pelo meu rosto, vou dizer que eram 14. Não sei como expressar de forma simples tudo o que aconteceu naqueles breves momentos. Apesar de minhas dúvidas, não podia ser mais claro de que tudo o que eu conhecia, incluindo a mim mesmo, havia deixado de existir.

– É sempre igual ... – murmurei, enquanto olhava as nuvens.

– É sempre a mesma coisa ...

Um lugar onde o céu é uma densa e impenetrável camada de nuvens cuja cor se assemelhava ao puro ouro. Seu tom clareava para a cor prateada, até finalmente se apagar por completo, e assim indicava a passagem do tempo. E sim, não havia céu, apenas nuvens. Sobre o telhado de uma pequena casa de paredes brancas e teto alto, estava eu. Você pode me chamar de Ernest. O telhado coberto de neve dourada que caía densa, e ao mesmo tempo leve, descendo com suavidade e pousando sobre tudo. As nuvens estavam no ápice da cor dourada, e elas iluminavam e aqueciam a pequena cidade cercada por água. A cidade tinha apenas 30 casas e não tinha nome. Nem mesmo o mundo tinha um nome. Na verdade, não era preciso.

Escorregar pelas telhas e aterrissar de pé sobre a neve pareceu-me uma boa ideia. Pois é, não foi. Tentei pousar com os pés no chão, agachando-me quando tocasse a neve, porém tudo o que consegui foi perder o equilíbrio no último instante e me chocar contra a neve, que por mais que não fosse tão espessa amorteceu

minha queda a ponto de eu não sentir dor. Na verdade, nada do que fazíamos nos fazia sentir dor, mas tínhamos certa noção do que devíamos evitar, como pular do alto das casas ou cortar os pulsos. Levantei-me e caminhei até a porta, alta, de madeira clara, detalhada com cavidades quadradas simétricas que formavam uma espécie de xadrez. Abri a porta e vi Allan, um homem alto, de cabelos loiros e olhos azuis, rosto magro e comprido. Qualquer um o acharia uma figura simpática.

– Quando saiu de casa? – perguntou ele assim que fechei a porta.

– Acordei cedo – respondi. Aproximei-me da mesa e sentei-me à frente de Allan.

O lugar tinha cortinas brancas arrumadas, um fogão à lenha aceso, com sua portinhola de aço fechada e uma chaleira com água sobre ele. Presos nas paredes estavam vários pequenos armários, um balcão de madeira e cerâmica conectado ao fogão. No centro do cômodo, uma mesa retangular com algumas cadeiras em volta. A mesa estava coberta por uma toalha branca tingida por tons de café. Havia um prato sobre a mesa com alguns pães redondos e, do outro lado, uma jarra com água. Derramei a água dentro de um copo. Peguei um pão, observei-o por um momento. Sua casca dourada estava coberta por um punhado de grãos brancos. Apesar de crocante, seu interior era macio. Eles nunca possuíam o mesmo gosto; podiam ser doce, salgado, apimentado, amargo, azedo... Apesar de comer esses pães todos os dias, eles nunca se tornavam enjoativos, sempre incredivelmente deliciosos, sempre surpreendiam por seu gosto aleatoriamente saboroso. Valia o mesmo para a água. Soprei a fumaça que saía do meu copo. Só então bebi um gole, estava quente e adocicado, com leves toques e sabores estranhos, enquanto exalava dele um cheiro sutil e muito agradável.

– Estou entediado – comentei.

Allan lançou-me um olhar impassível.

– Por acaso está inventando palavras? – perguntou ele antes de beber um gole de sua água. Como não sabia o que estava sentindo, tive de criar uma palavra para expressá-la. Foi assim que surgiu a palavra *entediado*. – Por que não sai um pouco?

Observei o interior do copo.

– É... Vou fazer isso. – Deixei o copo sobre a mesa e levantei-me.

– Não vai terminar de comer? – ele perguntou.

– Não. – Virei-me para sair. – Volto quando pratear – era como nos referíamos ao céu prateado antes do completo escuro.

– Tenho uma pergunta – disse, virando subitamente na direção de Allan. – Pode parecer aleatório, mas... Por que me adotou mesmo? – tentei soar de maneira descontraída. Acho que deu certo.

– Por quê...? – murmurou ele, pensativo. – Acho que não tive escolha.

Ele pareceu pensar um pouco sobre o motivo.

– Vou dizer que nem me lembro mais dos detalhes.

– Então me conte o que você lembra – pedi, cheio de curiosidade.

– Eu estava deitado quando ouvi batidas à porta. Abri para saber quem era e vi um homem. Ele era... Diferente. – Allan franziu as sobrancelhas ao se lembrar do homem. – Seu cabelo e sua barba eram uma mescla de cinza e branco, seu rosto parecia marcado.

Allan segurou a própria testa por um momento: – Eu nunca o tinha visto antes e nunca mais o vi.

– Ele não disse nada? – perguntei, tentando absorver qualquer informação.

– Se ele disse, não lembro mais – admitiu Allan, voltando sua atenção ao seu copo. – Ele me entregou você quando ainda

era um bebê de colo e foi embora... É isso.

Fiquei em silêncio por alguns momentos, até ele estender seu punho fechado. Eu o toquei da mesma maneira.

– Obrigado – falei, enquanto nossas mãos continuavam conectadas. Nós sorrimos um para o outro, respirei fundo e afastei-me. Cheguei a abrir a porta antes de me virar uma última vez, pois ainda havia algo não totalmente explicado.

– Allan? Por que ter cabelos brancos o torna tão... Diferente?  
– minha voz carregava ingenuidade.

Alan encarou-me nos olhos, como se minha pergunta fosse óbvia.

– Você já viu alguém de cabelos brancos?

Não respondi, compreendia agora. Apenas me virei e abri a porta.

Na saída, deparei com a neve ainda mais intensa. Caminhei um pouco, percebendo que não havia uma pessoa sequer nas ruas. Parei e olhei para trás, também não havia ninguém. Quando voltei a seguir meu caminho, fui surpreendido ao ver uma figura parada poucos metros de onde eu estava. Uma garota, de pelo menos 12 estações, cabelos que iam até o meio das costas, com algumas mechas trançadas espalhadas por seus cabelos vermelhos puxados para uma cor alaranjada. A neve caía sobre seus ombros acumulando-se em seu longo e escuro casaco. Ela limpou a superfície de sua roupa, deixando a neve, perfeitamente branca, ir para o chão. Ao focar meu olhar, pude ver que em sua pele clara havia sardas correndo pelo nariz até as bochechas, olhos verdes, a forma de seu rosto, com o queixo e as bochechas levemente arredondados. Ela chamava muita atenção. Podia acontecer um cataclismo que eu continuaria olhando para ela. Estava parada com o rosto erguido, observando as nuvens, quando passei por ela. Ela virou seu rosto, fazendo nossos olhos se encontrarem, e ao notar que seus olhos brilharam no instante em que nos cruzamos eu simplesmente parei, parei de andar, de

pensar, de respirar. Aquilo me congelou a sua frente. Ela se virou por completo na minha direção.

Ambos nos mantivemos em silêncio, até que ela revelou sua voz suave.

– Você está bem? – perguntou ela.

Suas palavras fizeram-me acordar de qualquer tipo de hipnose a que seus olhos me submeteram.

– Por que não estaria? – consegui dizer.

– Não sei – respondeu ela, esboçando um sorriso. – Pode me chamar de Evelyn.

– Ernest.

Ao ouvir meu nome, seu rosto passou de um sorriso gentil para uma seriedade repentina. Ela apontou para as nuvens com o indicador, enquanto seus lábios se moveram em uma frase tão aleatória quanto impactante.

– O que há depois das nuvens?

Foi como se uma montanha tivesse caído sobre a minha cabeça. Parecia que um oceano de dúvidas tinha invadido minha consciência, como se uma represa tivesse se rompido, inundando minha mente com perguntas nunca antes feitas. Levei minhas mãos à cabeça, meus olhos se arregalaram, meu corpo parecia se desfazer em neve. Tantas dúvidas, todas tão complexas e sem resposta, que eu simplesmente não conseguia parar de tentar respondê-las em minha mente, mas eram impossíveis de ser alcançadas. Foi quando senti um tapa em meu rosto que quase me derrubou.

– Recomponha-se – ordenou Evelyn, séria. – Eu só lhe fiz uma pergunta – seu tom voltou a ser suave e calmo.

– O que foi isso?! – perguntei, incrédulo.

– Um tapa – ela respondeu calmamente. – É quando se acerta alguém com a palma da mão.

Eu estava claramente desorientado, não sei se pelas dúvidas,

ou se pela agressão.

– Esse lugar é muito estranho – comentou ela de maneira completamente desconexa ao assunto. – Tudo é tão certo aqui, tudo tem seu lugar. Sinto-me tão bem desde que cheguei. Tenho me sentido tão feliz, um prazer tão incomum. Parece que estou dormindo.

– O que ela está dizendo? – pensei, tentando entender toda essa situação. – Felicidade incomum?

Eu nunca poderia entender, pois estava completamente acostumado com isso, uma felicidade que se mantinha presente o tempo todo, o Prazer do Sono, como a nomearia no futuro.

– O que é você? – perguntei em voz alta.

Ela ignorou o que eu disse.

– Pode soletrar seu nome? – perguntou Evelyn.

– O quê?

– Soletrar! – ela repetiu, de forma lenta e alta. – Soletrar! – sacou um pedaço de papel dobrado de seu bolso enquanto falava.

***“Escute o que ela diz.”***

– disse uma voz. Aquela voz, ela me seguia havia um tempo incontável, falando comigo pela minha mente. Em meus sonhos escuros e sem vida, nada de imagens, apenas suas palavras ecoando na escuridão. Era uma voz traiçoeira e sarcástica, mas que sempre parecia estar segura de si, segura de suas ideias. Já fazia um tempo desde que eu não a escutava mais, e ela voltava agora, mais segura e convincente do que nunca.

– E-R-N-E-S-T... – Evelyn consultava o papel a cada letra que eu ditava. Quando acabei, ela o guardou e voltou atenção total a mim.

– Você vem comigo – ordenou ela, segurando meu braço, puxando-me com certa rispidez.

Conforme andava, comecei a perceber um fenômeno totalmente estranho para mim. Comecei a sentir que a neve que

cobria toda a rua estava derretendo lentamente e também havia parado de cair. Soltei-me de Evelyn, estava paralisado, olhando para o céu dourado, que estava prateando rapidamente. Quando a prata consumiu o ouro por completo, a neve recomeçou a cair, porém seus flocos caíam negros em um contraste totalmente incrível com as nuvens. Evelyn agarrou meu braço com força, apertando-o com as mãos pequenas.

– Olhe para mim! – mandou, com a voz séria. – Quero seus olhos comigo!

Balancei a cabeça positivamente. Ela soltou meu braço e continuou caminhando, e eu a segui.

– E não adianta perguntar o que está acontecendo, porque não vou responder! – exclamou ela, falando muito rápido.

Permaneci calado, pois era exatamente isso que eu perguntaria.

Quando dobramos uma esquina, toda a neve perfeitamente branca havia desaparecido, dando lugar a sua versão completamente negra, completamente oposta. Foi quando ouvi estrondos vindos do chão seguidos de erupções de neve negra que emergiam de buracos que se abriam a cada instante, alguns pequenos, outros grandes. As colunas de neve erguiam-se de acordo com o tamanho dos buracos. Quanto menores, mais altas as colunas chegavam. As pessoas não tiveram nem a oportunidade de abrir as cortinas, pois as colunas começaram a se erguer abaixo das casas, que tinham seus pedaços arremessados para todos os lados. O chão rompia-se em explosões vindas debaixo das ruas cobertas de neve negra, que tinham sua estrutura feita de pedras perfeitamente encaixadas umas às outras. Agora, completamente destruídas.

Foi quando parei de andar.

– O que foi que eu disse?! – gritou Evelyn, virando-se bruscamente.

– Allan... – murmurei, dando as costas para Evelyn e cor-

rendo de volta para casa.

Não ouvi qualquer palavra vinda de Evelyn, apenas os estrondos e as erupções de neve negra que faziam o chão tremer e ruir. Havia escrito que, mesmo que acontecesse um cataclismo, continuaria olhando para ela. Acho que exagerei. Desviei de alguns buracos que surgiam em meu caminho. Escombros decoravam as ruas. Pelo menos duas casas desmoronaram quando passei por elas, e eram incontáveis os escombros, que quase me mataram durante minha corrida. Minha casa estava coberta pela neve negra, porém não havia sido atingida. Passei a correr o mais rápido que conseguia.

***“Minhas palavras não significam nada para você?”***

Não tenho certeza de quanto tempo fiquei desacordado. Devo ter sido arremessado por uns bons metros até aterrissar sobre a neve e ser arrastado pela tempestade negra que aquela erupção causou. Aquela em questão devastou uma área muito maior do que qualquer outra. A coluna de neve ergueu-se até as nuvens e espalhou-se tão rápido quando eu fui lançado. Abri os olhos. Tudo estava muito confuso, as coisas tremeluziam ou ficavam embaçadas. Não sabia bem onde estava. Em um momento era uma praia, onde a areia eram puros cristais de gelo e o mar calmo era infinito. Quando minha visão se estabilizou, comecei a sentir uma dor agressiva percorrendo meu corpo. Quando parei de gemer e de me contorcer, percebi que estava deitado na borda de um dos buracos que se formou dentro de uma casa prestes a desmoronar, pois metade de sua estrutura fora levada pela rajada de gelo negro.

– Preciso de uma palavra para isso... – murmurei tocando meu peito, que doía como nunca doera antes.

***“Dor.”***

– Esse é o sonho mais dor que já tive... – murmurei.

***“Doloroso.”***